

Aculturação indígena

Autora: Roberta de Queiroz Hesse

1º semestre/ 2017

Roteiro de Atividades Didáticas (3 atividades, em 5 aulas de 50 minutos)

São apresentadas abaixo 3 atividades para trabalhar o tema da aculturação indígena, apropriações e transformações culturais com alunos do 1º ano do Ensino Médio. Tal público é apenas uma sugestão de público alvo, pois o conteúdo de Antropologia como evolucionismo, antropologia social britânica, antropologia cultural americana e estruturalismo costumam estar nas apostilas de primeiro ano. Deste modo, faria muito sentido utilizar essas atividades ao final deste conteúdo como maneira de atualização da antropologia, isto é, de situar os alunos nas discussões da antropologia contemporânea. Em segundo lugar, debater sobre aculturação no primeiro ano pode ser um caminho produtivo para sensibilizar os alunos para as transformações que ocorrem na sociedade, sobre troca e sobre o respeito ao outro. Além disso, alunos mais velhos podem achar o jogo e as atividade muito infantis, enquanto alunos mais novos podem estar mais "abertos" para atividades lúdicas. Como mencionado acima, trabalhar o presente conteúdo com alunos do 1º ano do EM é apenas uma sugestão, o material também pode ser muito bem ser utilizado nos outros dois anos do EM, de acordo com a organização de conteúdos feita pelos diferentes professores e escolas.



Atividade 1: O viver na floresta amazônica, a apropriação de um recurso midiático e aculturações

Objetivo: A presente atividade possui dois objetivos. O primeiro é apresentar um povo indígena amazônico e seu modo de viver, abordando um pouco das histórias dos Huni Kuin e da vida na aldeia através do jogo de computador "Huni Kuin: Os Caminhos da Jibóia" (Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f5m88A4oRHo>). Este jogo permite ao jogador um pouco de acesso ao modo de vida Huni Kuin e, especialmente à ontologia deste povo de forma lúdica e divertida. O jogo foi desenvolvido com o propósito de servir tanto como um mecanismo didático para os próprios Huni Kuin, quanto para funcionar como um intercâmbio de saberes entre indígenas e entre indígenas e brancos, oferecendo acesso aos conhecimentos Huni Kuin. O segundo objetivo é expor o processo de produção do jogo, debatendo sobre como os indígenas Huni Kuin, trabalhando em conjunto com pesquisadores, se apropriaram de um recurso midiático para contar suas histórias de modo interativo e dinâmico. O objetivo final é debater com os alunos como povos indígenas não são aculturados, no sentido de perda de sua cultura, ao entrar em contato com a sociedade ocidental e suas tecnologias mas, ao contrário, são *aculturados* no sentido de troca, de se apropriarem de uma tecnologia "branca" para contar suas histórias, atribuindo um outro significado ao uso do recurso videogame.

Duração: duas aulas de 50 minutos

Recursos necessários: A primeira aula deve ser ministrada na sala de informática e cada aluno deve ter acesso a um computador. Para o preparo da aula é necessário baixar o jogo em todos os computadores da sala de informática. O jogo não é pesado, é de livre acesso e pode ser baixado na seguinte página: <http://www.gamehunikuin.com.br/downloads/>. Para a segunda aula é necessária uma sala com datashow ou algum outro recurso que possibilite passar vídeos da internet.

Desenvolvimento da atividade:

Aula 1: Para a primeira aula propõem-se deixar os alunos livres para explorarem o jogo como quiserem. Uma aula de 50 minutos não é suficiente para que eles consigam atravessar várias fases, portanto é indicado sugerir que alunos baixem o



jogo em casa ou continuem jogando, no tempo livre, na sala informática. É uma forma de motivá-los a continuar explorando o universo Huni Kuin.

Aula 2: Para a segunda aula propõem-se começar com algumas perguntas aos alunos:

- O que acharam do jogo? Se gostaram ou não e por quê?
- Quais elementos da vida Huni Kuin chamaram atenção?
- Se eles precisassem explicar para alguém quem são os Huni Kuin o que diriam?

Exibir então o vídeo "teaser" do videogame que mostra um pouco sobre o processo de elaboração do mesmo.

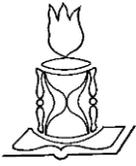
Vídeo: "Teaser – Huni Kuin: os caminhos da jibóia" Disponível em: <https://vimeo.com/131025417>.

Realização: Beya Xinã Bena - Coletivo de produção audiovisual do povo Huni Kuin do Rio Jordão. Duração: 7 minutos e 22 segundos

Após a exibição do vídeo perguntar se era assim que eles imaginavam os Huni Kuin, senão por quê?

Se aparecer alguma resposta falando sobre a roupa dos indígenas, sobre a presença de computadores, câmeras e outros elementos que poderiam ser considerados de índios aculturados, aproveitar para começar a discussão sobre o que significa ser índio. Caso não aparece nenhuma resposta neste sentido iniciar a discussão em algum momento oportuno.

Efetivamente essa noção de que os indígenas vão perdendo sua cultura conforme entram cada vez mais em contato com a sociedade ocidental foi uma noção predominante na antropologia do século XIX e início do século XX. Nessa época, acreditava-se que os povos tradicionais ao redor do mundo estavam sendo assimilados. A aculturação era mobilizada por diversos autores deste período para designar um processo, uma escala evolutiva, estando o índio selvagem em um polo e



o índio assimilado, completamente inserido na sociedade industrializada, ou seja, o índio que deixa de ser índio, no outro polo. O processo de aculturação era entendido como o processo de perda das características culturais tradicionais e a total incorporação ao mundo civilizado, industrializado.

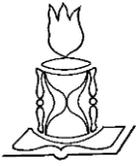
Tal processo poderia ser sistematizado no seguinte desenho:



Todavia, a antropologia contemporânea, especialmente a partir dos estudos de Marshall Sahlins na década de 70 e Peter Gow na década de 90, vem questionando tal entendimento de aculturação e propondo um outro entendimento para aculturação. Aculturação passa então a ser entendida como um movimento normal, de trocas, de intercâmbios entre culturas que se encontram.

De fato, antes do contato, os indígenas não usavam roupas ou computadores, celulares e câmeras. Do mesmo modo, o homem branco não comia mamão, mandioca, inhame entre muitos outros alimentos do nosso cotidiano, antes de conhecer o índio. Por quê o índio deixa de ser índio quando usa um celular, mas nós não deixamos de ser brancos quando comemos mandioca?

Quando diferentes culturas se encontram é um movimento normal aprender coisas com os outros e incorporar essas coisas em nossa própria cultura. Porém quando nós incorporamos algo de outra cultura em nossa própria estamos, inevitavelmente,



utilizando-a de outra forma. Por exemplo: existem atualmente muitas receitas de mandioca que brancos criaram, isto é, os brancos se apropriaram de um elemento da cultura indígena e o transformaram em outra coisa. O mesmo acontece quando indígenas usam "coisas de branco".

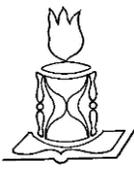
Em um esboço bem genérico, seria possível desenhar esse entendimento de aculturação, mais atual na antropologia, da seguinte maneira:



Neste sentido, os índios Huni Kuin se apropriam das tecnologias brancas e as transformam em outras coisas. Diferentemente da maioria dos videogames, este não foi feito por uma empresa, especializada em entretenimento que visa exclusivamente lucro. Ele foi feito em um projeto colaborativo entre os Huni Kuin e pesquisadores e o propósito dele é educativo, é apresentar a cultura e história deles para o mundo.

É importante deixar claro para os alunos, provavelmente falando explicitamente, que se trata de duas concepções bem diferentes de uma mesma palavra: aculturação. Entender aculturação enquanto processo de troca é a abordagem mais aceita na antropologia atualmente.

Entretanto, é importante lembrar ao longo da aula que houve um processo extremamente violento durante o período colonial e imperial de tentar assimilar o índio. O fato das trocas entre culturas existirem não significa que não haja imposição e coerção para que um povo abandone seu modo de vida. Do mesmo jeito imposição e coerção não significa que um povo esqueça seu modo de viver. *Aculturação*



enquanto troca não exclui a violência do Império e do Estado brasileiro.

Atividade 2: Povos indígenas pelo Brasil

Objetivo: O objetivo desta atividade é apresentar a diversidade étnica de nosso país, a localização geográfica dos diferentes povos e Terras Indígenas, os diferentes troncos-linguísticos e um pouco do debate sobre a demarcação de terras. O segundo entendimento de aculturação (*aculturação*) exposto no texto teórico e na atividade 1 sugere uma intensa troca entre os diversos povos indígenas do Brasil. Desta forma, é fundamental que os alunos entendam que existem muitos povos diferentes no Brasil que vão se "aculturando" uns com os outros. Apresentar os troncos-linguístico é uma forma de explicar como essas diferenças podem ser entendidas e como são classificadas, utilizando assim a língua e suas variações como exemplo para que os alunos percebam a troca como um movimento normal, orgânico e em constante transformação.

Duração: duas aulas de 50 minutos

Recursos necessários: Datashow conectado em aparelho ligado a internet para exibir os mapas e figuras, ou imprimi-los. Para a segunda aula seria bom ter pelo menos cinco computadores, na sala de informática ou semelhante para que os alunos pudessem acessar em grupo para fazerem a pesquisa.

Desenvolvimento da atividade:

Aula 1: Para a primeira aula, sugere-se começar a atividade perguntando se algum aluno já visitou alguma aldeia indígena e, se sim, aonde.

Explicar então os seguintes tópicos:

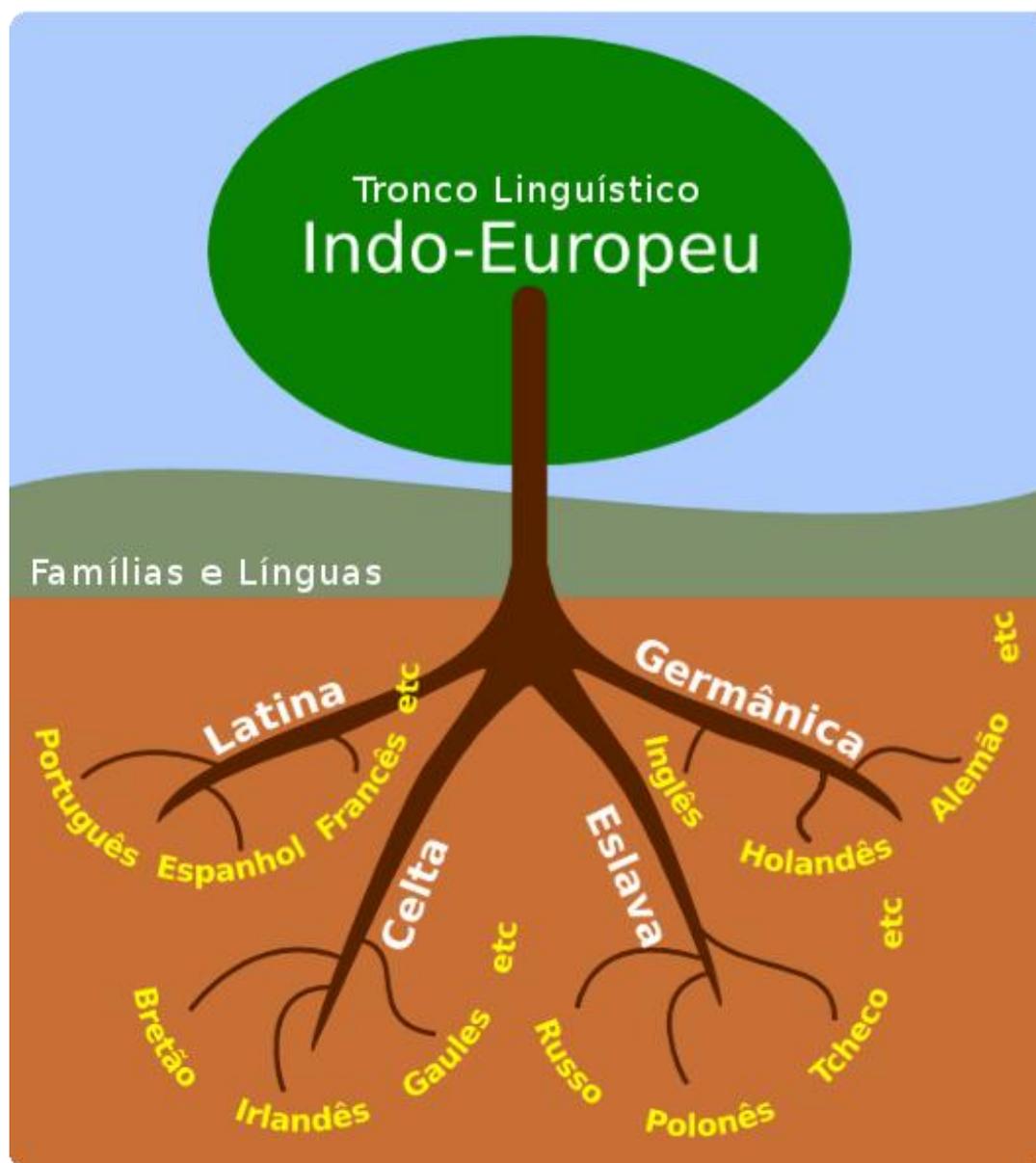
- Existem mais de 240 diferentes povos indígenas no Brasil - Existem mais de 180 línguas diferentes - Dois troncos linguísticos principais: Macro-Jê e Tupi

Explicar então o que são troncos e famílias linguísticas. De acordo com o Instituto Socioambiental, o tronco linguístico é: " Um conjunto de línguas que têm a mesma origem. Essa origem é uma outra língua mais antiga, já extinta, isto é, que não é mais falada. Como essa língua de origem existiu há milhares de anos, as semelhanças

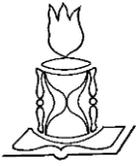


entre todas as línguas que vieram dela são muito difíceis de ser percebidas." A família linguística por sua vez é: "Um conjunto composto por línguas que se diferenciam há menos tempo" (Instituto Sociambiental - disponível em: <https://mirim.org/linguas-indigenas?page=29> acessado em 08/06/2017 as 17h30)

Utilizar as imagens abaixo para ilustrar essa questão:

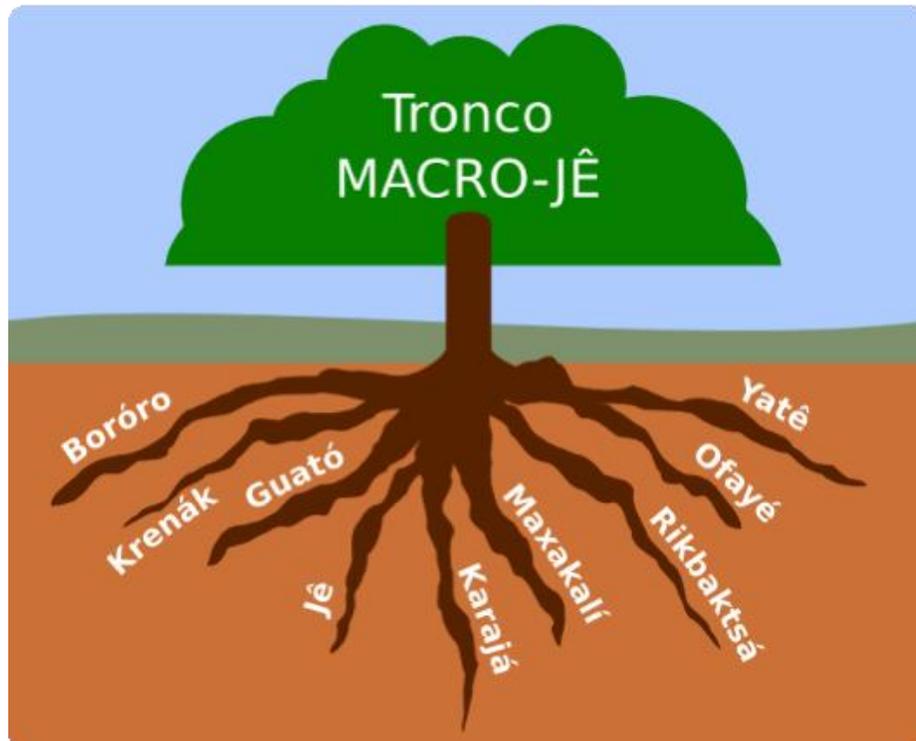


(Fonte: <https://mirim.org/linguas-indigenas?page=29> acessado em 08/06/2017 as 17h35).

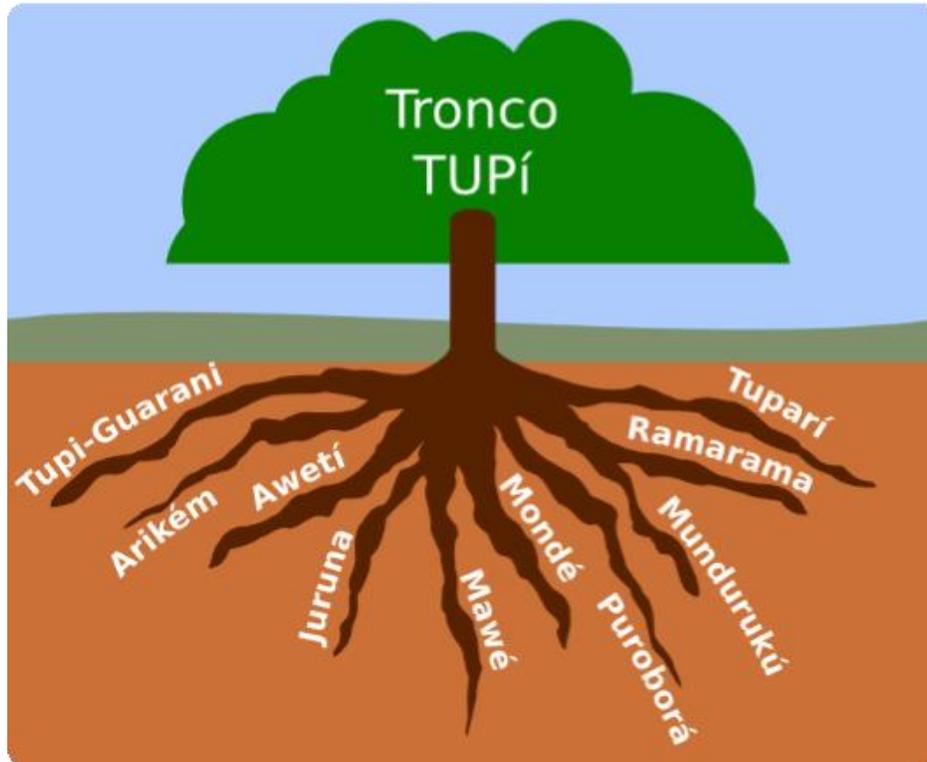
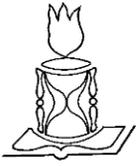


Como é possível observar na imagem acima, existem línguas aparentemente muito distantes como português e russo que pertencem ao mesmo tronco-Linguístico. Porém, pertencer a um mesmo tronco-linguístico não significa que sejam línguas próximas, pois ainda existem as famílias linguísticas, então embora português e russo pertençam ao mesmo tronco-linguístico são línguas muito distantes por pertencerem a famílias distintas. Já dentro das famílias as proximidades são muito mais aparentes como no exemplo da família das línguas latinas, temos o português e o espanhol, que são línguas bem próximas. No entanto, isso não significa que as línguas de uma mesma família sejam totalmente parecidas e compreensíveis de uns para os outros, por exemplo o português e o francês são diferentes e alguém que fala francês não entende facilmente português sem o estudar e vice-versa.

Com as línguas indígenas funciona do mesmo jeito, línguas de um mesmo tronco linguístico e de uma mesma família são mais parecidas que línguas de famílias diferentes. Existem dois troncos linguísticos principais no Brasil e no caso de línguas de troncos diferentes a diferença entre as línguas é ainda maior. Vejamos abaixo a ilustração destes dois troncos principais: Macro-Jê e Tupi:



Fonte: <https://mirim.org/linguas-indigenas?page=29> acessado em 08/06/2017 as 17h37

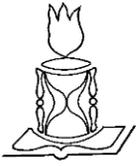


Fonte: <https://mirim.org/linguas-indigenas?page=29> acessado em 08/06/2017 as 17h38

Também pode ser interessante apresentar aos alunos a tabela abaixo, que mostra como algumas palavras são escritas em diferentes línguas da família Tupi-Guarani, do tronco Tupi:

Família Tupi-Guarani (Tronco Tupi)					
Palavras	Língua Guarani Mbyá	Língua Tapirapé	Língua Parintintin	Língua Wajãpi	Língua Geral Amazônica
pedra	<i>itá</i>	<i>itã</i>	<i>itá</i>	<i>takúru</i>	<i>itá</i>
fogo	<i>tatá</i>	<i>tãtã</i>	<i>tatá</i>	<i>táta</i>	<i>tatá</i>
jacaré	<i>djakaré</i>	<i>txãkãré</i>	<i>djakaré</i>	<i>iakãre</i>	<i>iakaré</i>
pássaro	<i>gwyrá</i>	<i>wyrã</i>	<i>gwyrá</i>	<i>wýra</i>	<i>wirá</i>
onça	<i>djagwareté</i>	<i>txãwãrã</i>	<i>dja´gwára</i>	<i>iáwa</i>	<i>iawareté</i>

Fonte: <https://mirim.org/linguas-indigenas?page=29> acessado em 09/06/2017 as 14h54



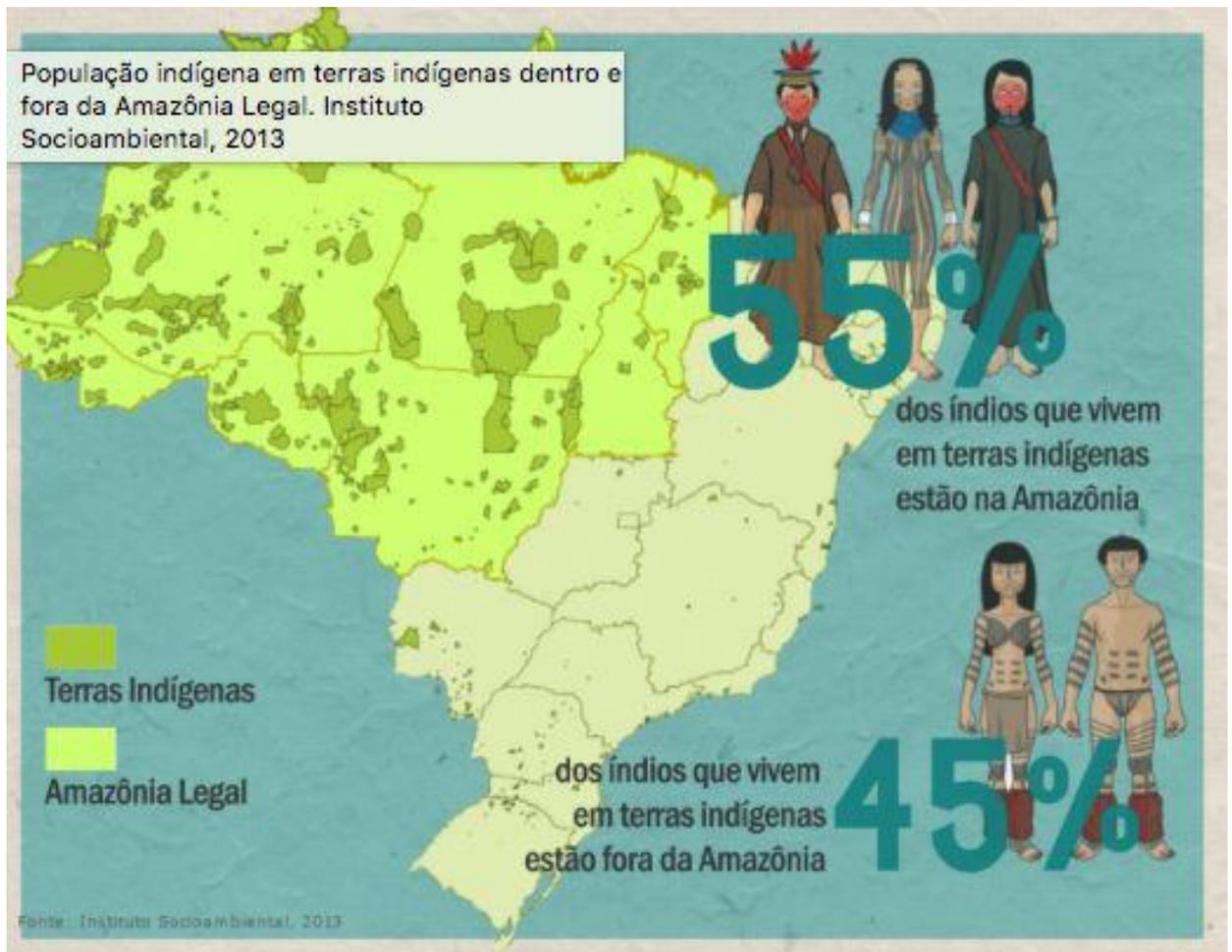
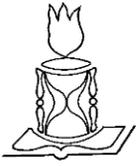
Para além disso, a língua, assim como a cultura não é algo estático, parado no tempo e na história, pelo contrário, está sempre em movimento. Portanto, no caso das línguas, quando a língua de um povo entra em contato com a de outro ela também se modifica. Essas mudanças na língua são perceptíveis até mesmo entre diferentes sotaques e gírias dentro uma mesma língua. Por exemplo se vamos ao Sul ou ao Nordeste do Brasil encontramos outras gírias e expressões e conforme as pessoas vão se encontrando e conversando, vão trocando essas expressões também.

Pedir para os alunos refletirem em casa sobre se eles ao conviverem com amigos/parentes de outros estados, de outras cidades ou até mesmo de outro grupo já incorporaram alguma gíria deles e vice-versa.

Aula 2: Para essa aula sugere-se uma breve apresentação da localização das terras indígenas no Brasil através dos mapas expostos abaixo e de uma atividade dinâmica com os alunos.

Começar explicando que no Brasil atualmente 13% do território nacional é composto por Terras Indígenas, o que é pouco, considerando que um dia tudo já foi terra indígena. Temos um total de 704 Terras Indígenas com suas fronteiras oficialmente demarcadas e reconhecidas pelo Governo Federal. Destes 13%, 98% está na região da Amazônia legal e apenas os outros 2% espalhadas pelas demais regiões do país. Ainda, existem muitos indígenas que moram fora de terras indígenas demarcadas, porém dados sobre a porcentagem e localização deles são mais difíceis de obter.

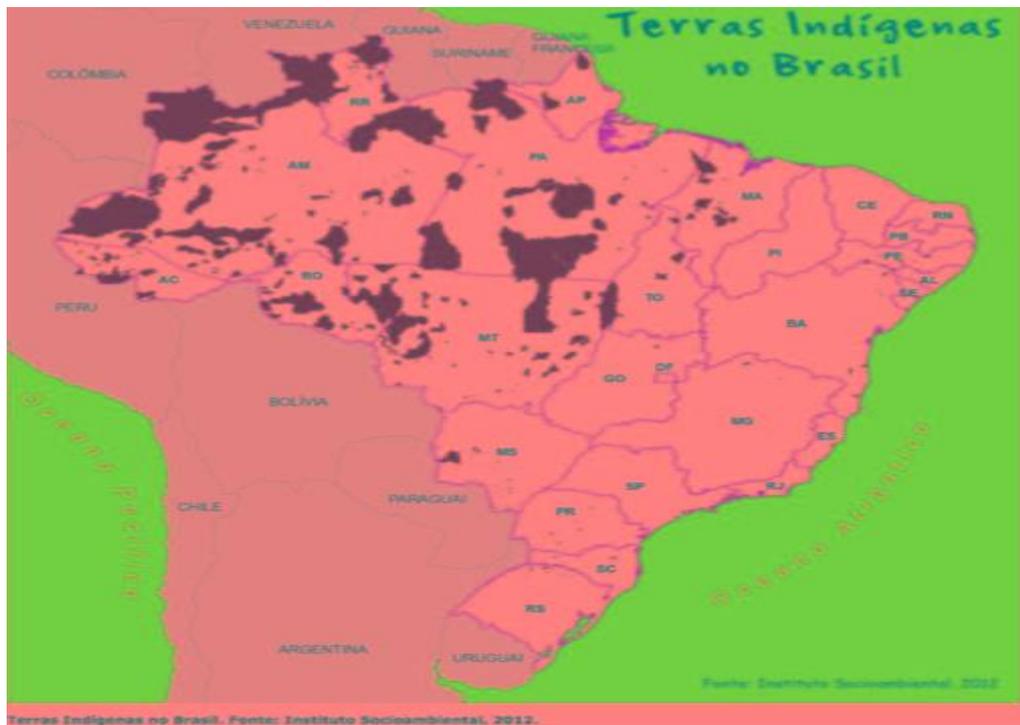
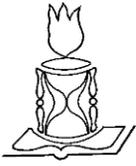
Quanto aos índios que vivem em terras indígenas, podemos observar a seguinte ilustração:



Fonte: Instituto Socioambiental 2013. Disponível em: <https://mirim.org/terras-indigenas>.

Acesso em 09/05/2017 às 15h07

Pode ser interessante também apresentar esta outra figura na qual a localização das Terras Indígenas fica um pouco mais clara:

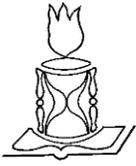


Fonte: Instituto Socioambiental 2012. Disponível em: <https://mirim.org/terras-indigenas>. Acesso em 09/05/2017 às 15h45

Sugere-se então, dividir os alunos em 5 grupos, um para cada região do país e caminhar com eles para a sala de informática. Pedir para cada grupo procurar um pouco na internet sobre a situação das terras indígenas em cada região para que eles possam apresentar brevemente o que encontraram, oralmente, na frente da sala para os demais colegas no final da aula. Não precisa ser nada muito elaborado, é apenas uma pesquisa bem curta para instigá-los a pesquisar sobre o tema e, também, para eles verem como não existe tanta informação a respeito, como as fontes de acesso a esse tipo de informação são, relativamente, limitadas.

Atividade 3: Apropriação de tecnologias brancas por parte de coletivos indígenas e luta pelos seus direitos.

Objetivo: Apresentar para os alunos como os povos indígenas no Brasil atualmente tem seus direitos, assegurados pela Constituição de 88, constantemente violados e como diversos povos vem se apropriando de tecnologias brancas, transformando-as em mecanismos para auxiliar na luta por seus direitos.



Duração: uma aula de 50 minutos.

Recursos necessários: Datashow conectado a um aparelho com conexão com a internet para exibir os vídeos.

Desenvolvimento da atividade:

Propõe-se iniciar a aula expondo que a Constituição de 1988 do Brasil (espera-se que os alunos já saibam o que é uma Constituição) possui um capítulo inteiro sobre a questão indígena. Entre muitos outros direitos garantidos aos povos indígenas está o direito de terem suas respectivas terras demarcadas e homologadas, ou seja, oficialmente reconhecidas pelo Estado. No entanto, o que se verificou ao longo dos últimos 20 anos é um descaso com as populações indígenas e menos da metade das terras indígenas pretendidas foram demarcadas e homologadas. O Órgão do Governo Federal responsável pela demarcação de terras, a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), infelizmente, não consegue cumprir com seu papel constitucional.

Desta forma, muitos coletivos indígenas se viram obrigados a recorrer a outros recursos para lutar por seus direitos. Neste sentido, as mídias sociais, a internet, mobilizações políticas nas grandes cidades, vem sendo estratégias muito utilizadas por diversos coletivos (espera-se que os alunos também já tenham tido algo sobre movimentos sociais ou algum tipo de contato com movimentos sociais).

Sugere-se então passar alguns vídeos sobre mobilizações de coletivos indígenas:

- Rap Guarani-Kaiowá em Guarani-Kaiowá com legenda

Título: Eju Orendive

Artista: Bro MC's - Coletivo indígena do Mato Grosso do Sul.

Duração: 3 minutos e 35 segundos

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oLbhGYfDmQg>

- Rap Guarani-Mbya em Guarani-Mbya com legenda

Título: A todo povo de luta



Artista: Guaranis-Mbyá e Comissão Guarani Yvyrupa CGY - Coletivo Guarani da Zona Sul de São Paulo

Duração: 4 minutos e 18 segundos

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uUvS8Gnbkww>

- Manifesto dos Guarani-Mbya em Guarani-Mbya com legenda

Título: Por que fechamos a Bandeirantes

Realizador: Comissão Guarani Yvyrupa CGY

Duração: 3 minutos

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eV7WMdvGirM>

- Vídeo sobre índios em contexto urbano

Título: Índios na cidade

Realizador: Comissão Pró-Índio de São Paulo

Duração: 9 minutos e 16 segundos

Perguntar então para os alunos o que acharam, quais suas impressões sobre estes vídeos. Perguntar se eles sabiam que existem Guaranis na cidade de São Paulo. Explicar que existem atualmente duas Terras Indígenas dentro da cidade de São Paulo: a TI Jaraguá que fica perto do Pico do Jaraguá e a TI Tenondé Porã localizada em Parelheiros, no extremo sul da cidade. As TI's foram homologadas após forte mobilização dos Guarani em São Paulo, como podemos ver em dois destes vídeos (para mais informações sobre os indígenas que vivem na cidade de São Paulo consultar a cartilha feita pela Comissão Pró-Índio de São Paulo, disponível em: <http://www.cpisp.org.br/pdf/indios1.pdf>). Muito provavelmente, se não fosse a intensa mobilização dos indígenas, que chamaram bastante atenção da mídia, ambas as TI's não teriam sido demarcadas e os indígenas de São Paulo ainda viveriam irregularmente. Um exemplo que chamou bastante atenção foi quando o monumento dos bandeirantes foi pintado de vermelho, representando o sangue de



indígenas que os bandeirantes derramaram. O outro vídeo é sobre os Guarani-Kaiowá do Mato Grosso do Sul, que também passam por grandes conflitos por demarcação de Terra, vivendo nas beiras de estradas e em uma situação extremamente precária. Sobre a questão dos Guarani-Kaiowá existe um documentário que estava no cinema há pouco tempo chamado Martírio, de Vicent Carelli. Esse filme pode ser interessante para o professor assistir previamente e/ou também indicar para alunos interessados. O trailer do filme documentário pode ser encontrado na seguinte página: <https://www.youtube.com/watch?v=5zVzRAiDR78>

Explicar que diferentes povos do Brasil, em diferentes regiões, sejam os Guarani-Mbya de São Paulo, sejam os Guarani-Kaiowá do Mato Grosso do Sul ou sejam os Huni Kuin do Acre, do meio da floresta amazônica, todos encontraram nas tecnologias "brancas", como videogame, vídeos, músicas etc.. uma forma de reinventar sua própria cultura. Ao invés de estarem caminhando rumo à assimilação, estão trocando com os brancos e criando outras formas de comunicação entre indígenas e entre indígenas e brancos como os jogos, as músicas, os vídeos. Estas apropriações são exemplos vivos do movimento intercambial da aculturação. Por mais que se considere o contexto desfavorável aos povos indígenas, tais apropriações das tecnologias brancas se tornam ainda mais necessárias, pois não só divulgam a existência e resistência indígena, como também trabalham com uma linguagem que a sociedade brasileira em geral conhece e está familiarizada, especialmente a população jovem.